

Taxare ➡ *taxar* (tachar), *lixivia* (licsivia) ➡ *lixivia* (lichivia),
laxare (lacsare) ➡ *laixare* ➡ *deixar*.

Este novo phonema romanico ($x = cb$) soava na edade-média *tcb*, valor que ainda conserva no Minho e Beira em Portugal, e em certas regiões do interior de S. Paulo, no Brasil, onde se pronuncia *catchorro*, *catcha*, *tchapéo*.

O mesmo phonema ainda existe entre os gallegos, provençaes e italianos. Na lingua ingleza elle vigora, provavelmente importado da França: *chief* (= *tchif*).

b) O *j* constrictivo palatal sonoro desdobrou-se do *i*, fixando-lhe o valor consonantal, que do sec. XVI em diante passou a ser representado pelo signo *j*, p. ex.:

Cuius ➡ *cujo*, *maiestatem* ➡ *majestade*, *maiozem* ➡ *major*.

5.º As consoantes *mediaes constrictivas liquidas*, *r*, *l*, seguem sorte diversa.

a) O *r* medial intervocalico conserva-se. Exs.:

Viperam ➡ *vibora*, *rarum* ➡ *raro*, *coronam* ➡ *coroa*, *corium* ➡ *couro*, *aurum* ➡ *ouro*, *arana* ➡ *aranha*, *colorem* ➡ *coore* ➡ *côr*, *timorem* ➡ *temor*.

b) Consoante extremamente movel, o *r*, attrahido por outra consoante, soffre *hypertese* ou deslocação. Exs.:

Tenebras ➡ *trevas*, *fenestram* ➡ *fresta*, *capistrum* ➡ *cabresto*, *parabolam* ➡ *palavra*.

c) O *l* medial intervocalico em regra soffre *syncope*. Exs.:

Coelum ➡ *céo*, *malum* ➡ *mau*, *malam* ➡ *maa* ➡ *má dolentem* ➡ *dente*, *populam* ➡ *poboo* ➡ *povo*, *salire* ➡ *sair* (sahir), *palumbum* ➡ *paombo* ➡ *pombo*.

6.º As consoantes *nasaes* — *m*, *n*, quando *mediaes* veram sorte diversa.

a) O *m* intervocalico conserva-se. Exs.:

Famam ➡ fama, famem ➡ fome, amicum ➡ amigo,
cumulum ➡ cumulo (combro), amare ➡ amar, vomitare ➡
vomitar, animum ➡ animo.

b) o *n* intervocalico não raro soffre *syncope*. Exs.:

Sinum ➡ scio, coronam ➡ coroa, minutum ➡ miudo
venam ➡ veia, vanitatem ➡ vaidade, bona ➡ boa, lunam
➡ luna ➡ lua, seminare ➡ semear.

Outras vezes mantem-se. Exs.:

Animum ➡ animo, fortunam ➡ fortuna, sanare ➡ sa-
nar, asinum ➡ asno.

Esporadicamente o *n* transmuda-se em *l*. Exs.:

Animaliam ➡ alimalia ➡ alimária, Bononia ➡ Bolonha,
memorare ➡ nembrar ➡ lembrar.

Grupos consonantæes

140. Os grupos consonantæes são formados pelo contacto de consoantes no corpo do vocabulo, quer pertençam á mesma syllaba, quer não. Quanto á posição, podem ser *iniciaes* e *mediaes*, e quanto á procedencia e composição, dividem-se em:

a) *Latinos*, quando provêm do latim: *cavallo* (← caballum), *padre* (← patrem), *constante* (← constantem).

b) *Romanicos*, quando formados no dominio do romance pela quêda de uma vogal intermedia: *ovic'la* (ovicula) ➡ ovelha, *reg'lam* (regula) ➡ relha, *vet'lum* (vetulum) ➡ velho.

c) *Proprios*, quando formados por uma explosiva ou constrictiva e um *l, r, n* (bl, cl, fl, gl, pl, br, dr, etc.); *bravo*, *escravo*, *grande*, *plano*, *digno*.

d) *Homogeneos* ou *geminados*, quando formados por consoantes identicas (—*bb, cc, gg, etc.*) *sabbado, peccado, aggregar*.

e) *Heterogeneos*, quando formados por consoantes diversas (*pt, ct*): *apto, jacto*.

141. SORTE DOS GRUPOS HOMOGENEOS.

a) Os grupos *homogeneos* ou *geminados* — *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt*, simplificam-se, em regra, deixando cahir o primeiro elemento, tornando-o *insonoro*. A conservação na escripta desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da orthographia etymologica, p. ex.: *sabbado, peccado, addição, affirmar, aggregar, collega, commodo, annexo, approvar, carro, fosse, attento*.

b) Os grupos *rr* e *ss* não podem ser simplificados na escripta sem determinar uma alteração phonetica, como se vê em *carro* e *caro, cassa* e *casa*. Contrariamente ao que se dava em latim o *s* entre vogaes vale por *z*, isto é, abranda-se. — Convem tambem observar que os grupos *mm, nn*, não se simplificam inteiramente, isto é, o primeiro elemento faz sentir a sua presença nasalando a vogal antecedente, como se vê em — *emmallar* e *emanar, emmagrecer* e *emigrar, grammar* e *grammar, annullar* e *anular*.

O italiano guarda nos grupos *geminados* o valor sonico primitivo do primeiro elemento.

142. SORTE DOS GRUPOS HETEROGENEOS.

a) Os grupos *dz* (*z lat.*), *ns, pt* perdem a prepositiva.

Exs.:

Baptizare (= *baptizare*) → *batizar, zelosum* (= *dzelosum*) → *zeloso, defensam* → *defesa, mensam* → *mesa, portucalense* → *portugalense* → *portugaense* → *portuguaes* → *português (portuguez), sponsum* → *esposo, neptem* → *neta, septem* → *sete, captare* → *catar, captivum* → *cativo, cryptam* → *gruta, ruptum* → *roto, cap'talem* → *caudal, aptare* → *atar*.

No grupo *pt* dá-se muitas vezes a vocalização do primeiro elemento quando precedido de vogal, p. ex.:

Preceptum → *preceito*, *baptizare* → *bautizar* (arch.) *acceptum* → *acceito*.

b) Os grupos *ds* (não correspondente ao *z* lat.), *ps*, *sr* alteram-se por assimilação perfeita regressiva. Exs.:

Adsolare → *assolar*, *adsistere* → *assistir*, *ipse* → *esse*, *gypsum* → *gesso*, *personam* → *pessoa*, *persicum* → *pessego*.

c) Os grupos *ct*, *pc*, *cs* (= *x* lat.), *lt*, *lc*, *bs*, *gl*, *pt*, vocalizam, não raro, a prepositiva. Exs.:

Pectum → *peito*, *actum* → *auto*, *factum* → *feito* → *feito*, *subjectum* → *sujeito*, *conceptionem* → *conceição*, *conceptum* → *conceito*, *preceptum* → *preceito*, *saxum* (= *sacsum*) → *saixo* → *seixo*, *sex* (= *secs*) → *seis*, *laxare* (= *lacsare*) → *laixar* → *deixar*, *alterum* → *outro*, *falcem* → *foice*, *exsuctum* → *enxuito* (arch.) *aspectum* → *aspeito* (arch.), *fecticium* → *feitico*, *lactem* → *leite*, *luctam* → *loita* (arch. e pop.), *luctare* → *loitar* (*aloitar*, pop.) *delectum* → (*deleito* arch. = *deleite*), *doctrinam* → *doutrina*, *nocte* → *noite*, *biscoctum* → *biscoito*, *absentem* → *ausente*, *absentare* → *ausentar*, *abstinere* → *ausler* (arch.), *obstinatum* → *austinado*, *abstinente*, *austinente*, *obscurum* → *oscuro* (escuro), *abscondere* → *asconder* (arch.), *esconder*, *absolvere* → *assolver* (= *absolver*), *Magdalena* → *Maudalena* ou *Maudanela*, *amygdala* → *amendoa*. Precedido de consoante ou diphthongo, o grupo *ct* perde o primeiro elemento, p. ex.: *sanctum* → *santo* (*sancto*), *junctum* → *junto* (*juncto*), *unctare* → *untar*, *pinctare* (por *pictare*) → *pintar*, *linctum* → *tinto*, *punctum* → *ponto*, *auctorem* → *autore* (*auctor*), *auctoritatem* → *autoridade* (*auctoridade*).

Obs. É sem duvida de importação estrangeira *semana* → *septimana*; o desaparecimento do grupo *pt* e a conservação do *n* intervocalico denotam evolução não vernacula. Além disso, a idéa expressa por essa palavra, era indicada no portuguez archaico por *domaa* → *hebdomada*. — De *cub'tum* temos *côto* (ao lado de *covedo*), onde *bt* é tractado como *pt*, succedendo o mesmo com *tindo* (ao lado de *limpo*) → *limp'dum*. — *Dictum* deu *dito* → *dito*. *Pectinem* deu *penten* (empregado por Camões, Lus. 6. 17), e depois *pente*, por dissimilação.

— *Cul'tu* e *trac'tu* deram, por influencia hespanhola, onde *ct* → *ch* (*noctem* → *noche*), *colcha* e *trecho*.

d) Os grupos proprios — *cl*, *fl*, *pl*, quando *iniciaes*, transmudaram primitivamente na *palatal chiante x* (= *ch*) e, posteriormente, em *cr*, *fr*, *pr*. Exs.:

- cl:** *clavem* → *chave, clamare* → *chamar, c(e)leusmam chis-
ma, clavic'lam* → *chavelha, clocca* → *choca, — clavum*
→ *cravo, clavic'lam* → *cravelha, clarum* → *craro*
pop. (claro), *cla(u)stram* → *crasta, clamare* → *cra-
mar* (pop.).
- fl:** *flammam* → *chamma, flagrare* (por *fragare*) → (cheirar
florejere → *chorecer* (arch.), *Flavias* (aguas) → *Cha-
vias* arch.) *Chaves, floccum* → *frocco, florem* → *frol*
(arch.), *flegmam* → *freima, flagellum* → *fragello* (fla-
gello).
- pl** *plenum* → *cheio, plus* → *chus* (arch.), *plantare* →
chantar (arch.), *plicare* → *chegar, plagare* → *chagar,*
plagam → *chaga, plumbum* → *chumbo, pluviam* →
chuvá, plorare → *chorar, planum* → *chão, plancam*
→ *chanca, planctum* → *chanto* (arch.), *plattum* →
chato, plantare → *prantar* (pop.), *plenam* → *prea* (mar),
plano → *pran* (arch.), *placere* → *prazer, plac(i)lum*
→ *preito, planetam* → *praneta* (arch. e pop.), *plagam*
→ *praga*.

Obs. 1.^a — A conservação do *l* no portuguez moderno em — *cla-
mar, claro, plantar, planeta, pluma, flamma, flor, pleito, plano, etc.*, é
devida á reacção erudita, pois no velho portuguez temos — *cramar*
craro, prantar e chantar, praneta, pruma, chamma, frol, preito, chão, fóra
mas que ainda subsistem no dialecto popular, e algumas na linguagem
cultá.

Obs. 2.^a — O estudo comparativo do hespanhol, do italiano e do
velho portuguez levou A. Coelho a traçar a seguinte evolução dos gru-
pos latinos—**cl, fl, pl** em **ch**: *cl* → *cj* → *j* → *ch, fl* →
fj → *j* → *ch, pl* → *pj* → *j* → *ch*.

Segundo esta marcha evolutiva, o *l* dissolve-se na semivogal *j* (*i*
palatal); esta phase é representada pelo italiano: — *chamare*. →
chiamare (*ch=k*), *flammam* → *fiamma, planum* → *piano*,

Em seguida *j*, consonantizando-se, repelle a consoante antece-
dente; este momento é representado pelas fórmás do portuguez ar-
chaico: — *clamare* → *jamar, plagare* → *jagar*.

Finalmente, o *j*, palatal chiante brando, reforçar-se-ia em sua ho-
morganica surda — *ch=x*: *clamare* → *chiamare* → *jamar* →
chamar.

e) Os grupos *cl, gl, pl, tl*, formados pela quéda da
vogal átona postonica (*c'l, g'l, p'l, t'l*), mudam-se em *lh*.
Exs.:

Ma(u)lam → *macla* → *malha, ovic(u)lam* → *ovtela, ove-
lha; apic(u)lam* → *aplica* → *abelha; auric(u)lum* → *auricla*
→ *orelha; genn(u)lum* → *genuclo* → *gcolho* → *regla* →
relba; scop(u)lum → *escolho; manip(u)lum* → *manolho* → (maolho
→ *moolho* → *mólho*); → *artic(u)lum* → *articlo* → *artelho*;
peduc(u)lum → *peduclo* → *peolho*; → *oc(u)lum* → *oclo* → *olho*;
grac(u)lum → *graclo* → *gralho; vel(u)lum* → *vello* → *velho*;

acu(u)lam → *acuela* → *agulha*; *vulpic(u)lam* → *vulpecla* → *golpelha*; *cubic(u)lariam* → *cubiclaria* → *covitheria*.

Por excepção — *lut'lare*, **lut'losa* *deu luchar* ou *luxar*, *luxoso* ou *lixoso*.

Obs. 1.^a — Quando precedidos de consoante, os grupos *cl*, *tl*, *pl*, transformam-se em *ch*, e *gl* em *lh*. Exs.:

Manclam (por *maculam*) → *mancha*; **Jenuñclum* (por *joeniculum*) → *funcho*; *truncum* → *troncho*; **crinclam* (por *criniculam*, de *crinis*) → *crencha*; *masclum* (*masculum*) → *macho*; *caruncum* (por *carbunculum*) → *caruncho*; **fascclam* (por *fasciola*) → *facha*; *conclam* → *concha*; *sarcclum* → *sacho*; *astllam* → *acha*; *inflare* → *inchar*; *afflare* → *acchar*; *implere* → *encher*; *amplum* → *ancho*; *singlario* → *senheiro* (arch.); *singlos* → *senhos*; *cingla* → *cinha* (arch.), *cltha*. — Em *senhos* do port. arch. ao lado *senhos*, bem como em *unha* (de *ungla*, que devera dar *untha*) deu-se a assimilação do *lh* á nasal antecedente (Chr. Arch. LXXXVIII), e em *cltha* por *cinha* dar-se-ia phenomeno contrario.

Obs. 2.^a — Em outras palavras, em periodo mais recente, deu-se, nos grupos *cl*, *gl* e *pl*, apenas a mudança do *l* em *r*: *reg(u)la* → *regla* → *regra*; *ecclesiam* → *egreja* (arch.) → *igreja* ou *egreja*; *seculum* → *sigro* ou *segre* (arch.); *seculare* → *segrel* (arch.) ou *segral*; *cop(u)lam* → *copla* → *cobra* (arch.); *duplare* → *dobrar*; *implere* → *emprir* (arch. — cf. *encher*). Em outros ainda, em periodo posterior, conserva-se a vogal postonica, e cae o *l* intervocativo: *regulam* → *regua*; *macula* → *magua*; *periculu* → *perigoo* → *perigo*; *articulu* → *artigoo* → *artigo*, *vinculu* → *vinco*. — Por ultimo, ainda mais recentemente, a influencia erudita, conserva algumas vezes a fórma latina: *macula*, *vinculo*, *regular* (cf. *regrar*).

f) O grupo *bl* transformou-se em *br* e *vr*. Exs.:

Nobilem → *noble* → *nobre*, *obligare* → *obrigar*, *oblationem* → *oblação* (arch.), **oblitare* → *olvidar*, **sableu* (por *sabulosum*) → *saibro*, *amb(u)lare* → *ambrar* (arch.); *parabolam* → *paravra* → *palavra* (por *dissimilação*).

Obs. Em época posterior, a conservação da vogal postonica impediu a formação do grupo *bl*, e formou-se um outro typo derivativo, pela quéda do *l* intervocalico: *parabolam* → *paravoa* (arch.), *regulam* → *regoa* (cf. *regra*), *tabulam* → *taboa* (arch. *tavola*), *nebulam* → *nevoa*, *maculam* → *magoa* (cf. *malha* e *mancha*). Em *fabulari* → *fab'lare* → *fallar* deu-se a assimilação do *b* ao *l* (cf. hesp. — *fablar* arch. e *hablar*). — Na palavra *Diabo* (que na Escripura Sagrada é um dos nomes proprios do chefe dos demonios, Satan ou Satanaz) de *Diabulum* houve syncope do *l*, donde a fórma archaica *Diaboo*. *Diabrura*, porém, deriva-se da fórma regular *Diabro* → *diablo*).

g) Nos grupos *gn*, *gm*, deu-se a vocalização do *g*. Exs.:

Regnum → reino, *signatem* → sinal → sinal, *Ignacio* → *Finacio* → *Inacio*, *Agnês* → *Einês* → *Inez* (e *Enês* arch.), *malignum* → *malino* → *malino*, *dignum* → *diino* → *dino*, *benignum* → *beniino* → *benino*, *phlegman* → *fleuma* → (*freama* ou *freima*, e, por confusão, *fleugma* ou *phleugma*), *phlegmonem* → *fleimão* (fôrma erud. *phlegmão*), *phlegmaticum* → *phleumatico* ou *fleumatico* (por confusão *phleugmatico*), *pigmentam* → *pimenta* → *pimenta*.

O grupo *gn* deu em muitas palavras *nh*: *lignam* → *lenha*, *signam* → *senha*, *cognatum* → *cunhado*, *agnum* → *anho*, *cognoscere* → *conhocer* → *conhecer*, *tam magnum* → *tamanho*, *quam magnum* → *quamanho* ou *camanche* (arch.), *tagnum* (por *estannum*) → *estanho*, *magnum* → *manho* (arch.), *pugnare* → *punhar* (arch.).

Em Heitor Pinto (sec. XVI) encontramos *insinhe* (← *insinem*). As fôrmas e pronuncia — *magno*, *digno*, *maligno*, *insigne*, etc., pertencem ao dialecto das pessoas cultas.

b) O grupo *tr* teve sorte vária.

1. Dá-se, ás vezes, apenas o abrandamento da prepositiva, quando precedida de vogal. Exs.:

Atrium → *adro*, *putrem* → *podre*, *arbitrium* (= **albitrium*) → *arbitrio* → *alvedrio* (arc. *alvidro*), *latronem* → *ladrão*, *vitreum* → *vidro*.

2.^a Outras vezes cae a subjunctiva, além do abrandamento da prepositiva, quando ha um outro *r* na palavra; é um caso de dissimilação. Exs.:

Fratrem → *frade*, *aratrum* → *arado*, *l'ratrum* → *trado*, **matrastram* → *madrasta*, *de retrarium* → *derradeiro*.

3.^a Em *pae* e *mãe* deu-se a syncope successiva de ambos do grupo. Exs.:

Patrem → *padre* → **pare* → *pae*, *matrem* → *madre* → *mae* → *mãe*.

4.^a Mantem-se o grupo inalteravel quando precedido de consoante. Exs.:

Ostream → *ostra*, *monstrare* → *motrar*, *litteram* → *letra*, *quattuor*, → *quattro* → *quatro*, *nostrum* → *nostro* → (por assimilação progressiva) *nosso*, *vostrum* (= *vestrum*) → *vostro* → (por assimilação progressiva) *vosso*, *rostrum* → *rostro* → *rosto* (dissimil.) *rastrum* → *rastro* e *rasto* (dissimil.)

Obs. *Fratrem* dá *frade, fraire, freire, frei*; no 1.º typo deu-se a syncope da subjunctiva, e no 2.º a vocalização da prepositiva; o 3.º é uma variante do 2.º, e o 4.º é a forma proclítica do 3.º. — Na forma archaica de *Pero* por *Pedro*, houve syncope da prepositiva (*d*), devida á proclise — *Pero Annes*. O mesmo se observa no locativo *perafita* ➔ *petram ficta* (= *pedra fixa*).

i) Os grupos *cr, fr, pr, tr* soffrem abrandamento na prepositiva quando precedidos de vogal, e passam sem alteração quando precedidos de consoantes. Exs.:

Lacrimam ➔ *lagrima, macrum* ➔ *magro, socrum* ➔ *sogro, vinum acrem* ➔ *vinagre, sacrum* ➔ *sagro* (arch. cf. *sacro*), *escribere* ➔ *escrever, escriptum* ➔ *escripto, scrupulum* ➔ *escrupulo, escrutinium* ➔ *escrulinio, africum* ➔ *ábrego ou árego, suffro* ➔ *soffro; capram* ➔ *cabra, aprile* ➔ *abril, op'ram* ➔ *obra, scalprum* ➔ *escôpro, approbare* ➔ *aprovar*.

Obs. A conservação inalterada da prepositiva precedida de vogal, accusa em geral, corrente erudita: — *acre, acro, lacrimal, acrimonia, necroterio, acridio, africano*.

j) *Dr, br, gr*. Nestes grupos latinos vocaliza-se, por vezes, a prepositiva, excepto *br*, cuja prepositiva passa, ás vezes, para *v*. Exs.:

a) *Catédra* (por *cáthedra* lat. clas.) ➔ *cadeira, quadrella* ➔ *quairella* (arch.), *coirella* ou *courella*; — b) *colúbram* (por *cólubra*, lat. class.) ➔ *coobra* ➔ *cobra, febren* ➔ *febre, lab'rare* ➔ *lavar, librum* ➔ *livro, lib'rare* ➔ *livrar, tenébras* (por *ténebras* lat. class.) ➔ *têoras* ➔ *trevas, fabruarium* ➔ *fevereiro*; — c) *intégnum* (por *integrum*) ➔ *inteiro, flagrare* ➔ *cheirar, nigrum* ➔ *negro*.

Obs. *Sombra* veio de *su(b il)la umbra* ➔ *soombra* ➔ *sombra* (*so l'ombra*, arch.), *Quadráginta* ➔ *quarenta, quadragesima* ➔ *quaresma*, formaram-se, segundo Cornu, conforme o typo archaico *cinquaenta*.

k) *Sc*. O grupo *sc* perde a prepositiva antes de *e* e *i*, e fica inalterado antes de outra vogal. Exs.:

a) *Cognoscere* ➔ *conhocer* ➔ *conhecer, ascendere* ➔ *acender* (*ascender*), *gratescere* ➔ *agradecer, offerescere* (por *offerre*) ➔ *offerrecer, patescere* (por *pati*) ➔ *padecer, cadescere* ➔ *acaecer* (arch.), **nascere* ➔ *nacer* (*nascere*), *exclarescere* ➔ *esclarecer, roscisum* ➔ *rocio*; — b) *scienciam* ➔ *sciencia, scenam* ➔ *scena, piscare* (por *piscari*) ➔ *pescar, muscam* ➔ *mosca, cinisculum* ➔

ciscoo → *cisco*, *nascam* → *nasca* (arch.) → *naça*. — A graphia — *nacer*, *crescer*, *florescer*, *descer*, *sciencia*, etc., é meramente etymologica, na pronuncia corrente ha muito soffreu syncope a prepositiva.

Obs. I. — Em algumas palavras o grupo *sc+e* ou *+i* transforma-se em *x*: *fascia* → *faixa*, *vascella* → *baixel*, *pisce* → *peixe*, *muscere* → *mexer*.

Obs. II. — O *s* impuro da syllaba inicial de palavras latinas toma em portuguez um *e* prosthetico, excepto *sc+e* ou *+i*: *scribere* → *escrever*, *stylum* → *estyllo*, *scutum* → *escudo*, *spata* (por *spatha*) → *espada*, **smeralda* (por *smaragdum*) *esmeralda*, *spicam* → *espiga*, *spec'ulum* → *espelho*, *scalpum* → *escopro* — *scena*, *sciencia*.

l) *Rs. ps.* Nos grupos *rs* e *ps* dá-se a assimilação regressiva. Exs.:

a) *Persicum* → *pessego*, *personam* → *pessoa*, *ursum* → *urso* (arch. reacc. erud. *urso*), *corsario* → *cossario* (arch. reacc. erud. *corsario*), *dorsum* → *dosso* (arch.), *adversum* → *avesso*, *versum* → *verso* (arch.), *versare* → *avessar*, *T(h)yrusu* → *Tisso* (arch.); — b) *ipse* → *esse*, *gypsum* → *gesso*.

m) *Ns.* O grupo *ns* perde a prepositiva. Exs.:

Mensam → *mesa*, *defensa* → *defesa*, *mensem* → *mês* (*mez*) *monstrare* → *mostrar*, *sponsum* → *esposo*, *tensum* → *teso*, *portugalense* → *portugalense* → **portuguaes* → *português* (portuguez), *instrumentum* → *estromento* (arch. reacc. erud. *instrumento*).

Obs. Revelam as inscrições que a syncope do *n* antes de *s* remonta ao latim vulgar.

n) *Mr, ml.* Estes grupos romanicos *m'r* e *m'l*, reformam-se pela intercalação de um *b*, *e*, além disso, o *l* muda-se em *r*. Exs.:

a) *Hum'run* → *hombro*, *mem'rare* → *nembrar* → *lembrar* *can'ra* → *cambra* (pop.), *num'rum* → *nombro* (arch.), *cucum'rum* → *cogombro*; — b) *cum'lum* → *combro* (a par de *cómor*), *in'antem* → *sebrante*, **insimul* → *ensembra* (arch.).

o) *Ln, nl.* Nestes grupos romanicos *l'n* e *n'l* opera-se a assimilação do *n* ou *l*. Exs.:

Sal nitrum → *sallitre* (salitre), *mol'narium* → *molleiro* (molleiro), *lun'la* — *lula*.

Obs. Já no latim se dava tal assimilação: *con+lega* → *collega*, *non(u)lum* → *nullum* → *nullo*.

p) *Mn.* O grupo *mn*, quer latino, quer romanico, reduz-se por assimilação a *n*. Exs.:

Somnium ➡ *sonio* ➡ *sonho*, *somnum* ➡ *sono* (somno),
autumnum ➡ *outono*, *damnatum* ➡ *danado*, *dom'nu* ➡ *dono*,
dom'na ➡ *dona*.

Obs. Nas palavras — *gymnasio*, *gymnastica*, *omnipotente*, *omni-*
modo, *omnicolor*, *omniforme*, *omnisciencia*, *omnivoro*, *omnivomo*, o grupo
mn = n no Brasil, em geral, omittte-se o *m*; porém em Portugal a pronun-
cia mais generalizada dessas palavras do dialecto literario guarda o
valor primitivo do grupo, isto é, fazem soar levemente o *m*.

CAPITULO XII

OBSERVAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO PHONETICA

143. A mesma palavra latina, sob o influxo das alterações phoneticas, que acabamos de estudar, assumem fórmias varias, simultaneas e successivas. Essas fórmias podem ser de trez categorias — *divergentes*, *syncreticas* e *intermediarias*.

Fórmias divergentes

144. De um mesmo vocabulo latino procedem ás vezes fórmias *duplas*, *triplas*, *quadruplas* e, até, *quintuplas*, como de *maculam* procedeu — *malha*, *magoa*, *mancha*, *mangra* e *macula*.

Estas fórmias, que são geralmente chamadas *duplas*, em francez *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se fórmias *divergentes* ou *allotropicas*, porque, partindo de um typo latino, separam-se na estrutura morphologica, e, em regra, no valor *semantologico* ou na significação.

145. As causas productoras das fórmias divergentes reduzem-se a trez: *corrente popular*, *corrente erudita*, e *corrente estrangeira*.

146. CORRENTE POPULAR. A corrente ou influxo popular na evolução phonetica é a tendencia genial da trans-

formação da lingua, a causa natural das alterações dos phonemas. Esta corrente dominou incontrastada desde a origem da lingua até o sec. XIV. Obedecendo muito embora ás leis glotticas já estudadas, ella variava, não raro, em differentes épocas, o typo de suas alterações phoneticas, bifurcando-se em fórmãs divergentes, que vieram a coexistir na lingua, taes como — *coronam* \rightsquigarrow *coroa* e *coronha*, *maculam* \rightsquigarrow *magoa*, *malha* e *mancha*.

Como se vê, a cada uma destas fórmãs populares corresponde sentido diverso, repellindo o genio da lingua a synonymia, que pareceria dever ser provocada pela origem commum.

147. CORRENTE ERUDITA. Ao lado da corrente popular, apparece nos sec. XIV e XV, a corrente erudita, latinista ou literaria. Nestes seculos desenvolve-se a cultura do latim e as traducções de obras ecclesiasticas. Começa a reacção erudita contra a corrente popular na evolução da lingua, reacção que recebeu forte impulso com o movimento literario da Renascença no sec. XVI.

A intervenção desta corrente, que buscava approximar artificialmente o portuguez de sua fonte latina, importou do latim fórmãs novas, ou, antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinencia, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que dellas se derivaram por via popular, tal como *macula* ao lado de *magua*, *malha* e *mancha*, *palacio* (\leftarrow \rightsquigarrow *palatium*), ao lado de *paço*, *frigido* (\rightsquigarrow \rightarrow *frigidum*) ao lado de *frio*.

As fórmãs eruditas caracterizam-se por uma maior approximação do typo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas, existem fórmãs *semi-eruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influencia erudita á plena expansão do influxo popular, taes as palavras — *botica* (\leftarrow \rightsquigarrow *apothecam*), *semana* (\leftarrow \rightsquigarrow *septimana*), *Madalena* (\leftarrow \rightsquigarrow *Magdalena*), onde a permanencia de consoantes fortes intervocalicas e do *n* na mesma condição accusa a influencia erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das syncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos suggerem o influxo popular.

148. CORRENTE EXTRANGEIRA. Do sec. XIII em diante, com a invasão do lyrismo provençalêsco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literarias oriundas do influxo da Renascença, o portuguez poz-se em contacto mais intimo com as outras linguas romanicas, e por ellas recebeu novas fórmãs de palavras latinãs já evoluídas em seu proprio seio; assim deu-nos o francez *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o hespanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

149. O seguinte eschema dá-nos as fórmãs divergentes populares, eruditas e estrangeiras:

Maculam	⇒⇒⇒	{	magoa malha mancha mangra macula	}	fórm. pop. fórm. erud.
Planum	⇒⇒⇒	{	chão plano lhano piano	}	fórm. pop. fórm. erud. fórm. extr. hesp. fórm. extr. ital.
Claviculam	⇒⇒⇒	{	chavelha cravelha clavicula	}	fórm. pop. fórm. erud.
Articulum	⇒⇒⇒	{	artelho artigo articulo	}	fórm. pop. fórm. erud.
Regulam	⇒⇒⇒	{	regoa relha regra	}	fórm. pop.
Capitalem	⇒⇒⇒	{	cabedal caudal capital	}	fórm. pop. fórm. erud.
Insulam	⇒⇒⇒	{	ilha insoa insula	}	fórm. pop. fórm. erud.

Vinculum	⇒	{	vinco brinco vinculo	} fórm. pop. fórm. erud.
Hospitalem	⇒	{	espiritual hotel hospital	} fórm. pop. arch fór). extr. franc. fórm. erud.
Frontem	⇒	{	fronte frente	} fórm. pop. fórm. extr. hesp.
Plubum	⇒	{	chumbo prumo	} fórm. pop.
Nitidum	⇒	{	nedio nitido	} fórm. pop. fórm. erud.
Vigilare	⇒	{	vigiar velar	} fórm. pop.

Fórmias síncreticas

150. FÓRMAS SYNCRETICAS. Na evolução phonetica co-existem muitas vezes, em um momento dado da lingua, fórmias paralelas de uma mesma palavra, que são o resultado da incerteza ou vacillação na fixação da fórmula definitiva. Estas variações morphologicas de uma mesma palavra chamam-se *fórmias syncreticas*, como *dois e dous, albergue e alvergue, esplendor e esplandor*.

Obs. Variada era a população da ilha de Creta na antiguidade, e os gregos exprimiam esta variedade na unidade insular do povo pelo termo *syncretismo* (=syn+cret+ismo). Dahi o aproveitar-se o termo em philologia para se exprimir a variedade da fórmula na unidade de sentido.

151. O que distingue as fórmias *syncreticas* das fórmias *divergentes* é o parallelismo do sentido: a differença de significação das fórmias divergentes faz dellas palavras distinctas, se bem que *cognatas*; ao passo que a identidade de sentido das fórmias syncreticas mostra que são apenas variação morphica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido proprio, e a synonymia perfeita

só se pôde dar em palavras não cognatas; pois nestas a equivalencia de sentido produz o *syncretismo*.

152. O *syncretismo vocabular* caracteriza o periodo archaico da lingua, que vae do sec. XII ao sec. XVI, época em que a disciplina grammatical começou a diminuir as incertezas morplicas e dar estabilidade a certas fórmãs em detrimento de outras, que se archaizaram. Nos primeiros documentos da lingua pollulam as fórmãs syncreticas, indicando na variedade da graphia a incerteza da prosodia do velho portuguez. No mesmo documento, na mesma pagina e, não raro, na mesma linha, encontramos: *sa* e *sua*, *duos* e *dous*, *li*, *le*, *lbi*, *lbe*, *super* e *sobre*, *fece* e *fez*, *qui* e *que*, *abate* e *abade*, *casales* e *casaes*, *quome* e *como*, *antre* e *entre*, *fice* e *vice*, *furum* e *forom*.

153. No sec. XVI, já sob o dominio da disciplina grammatical, nos *Lusiadas*, observam-se os seguintes syncretismos: *agardecer* e *agradecer*, *nacer* e *nacer*, *decer* e *descer*, *apouento* e *aposeno*, *contrairo* e *contrario*, *fruito* e *fructo*, *enxuito* e *enxuto*, *imigo* e *inimigo*, *piadoso* e *piedoso*, *antão* e *então*, *antre* e *entre*.

154. No sec. XVIII, Francisco José Freire, em suas *Reflexões sobre a lingua portugueza*, II, 12, dá-nos uma longa lista de fórmãs syncreticas de seu tempo, entre as quaes lemos as seguintes:

Aluguer	ealuguel	Formosear	e aformosear
Ametade	e metade	Fortum	e fartum
Anegaça	e negaça	Frauta	e flauta
Anteado	e enteado	Fundura	e profundeza
Avelutado	e aveludado	Gasnate	e gasnete
Bautismo	e baptismo	Gira	e giria
Bilhafre	e milhafre	Golotão	e glotão
Blazão	e brazão	Infallivelida-	
Boroa	e broa	de	e infallibilidade
Brindes	e brinde	Intrepidez	e intrepidez
Cavalheira-		Jesu	e Jesus
mente	e cavalheirosa-	Lanço	e lance
	mente	Locotenente	e logartenente
Cavalleiro	e cavalleiro	Madurecer	e amadurecer
Cleusiro	e ccleuma	Manjadoura	e mangedoura
Chuma	e chusma	Maroma	e maromba

Complice	e cumplice	Masto	e mastro
Cossario	e corsario	Menagem	e homenagem
Contia	e quantia	Miude	e miudo
Curvidade	e curvatura	Mostra	e amostra
Dearticular	e articular (verbo)	Nudeza	e nudez
		Paniguado	e apaniguado
Desaprazer	e desprazer	Rapazia	e rapaziada
Desgraciado	e desgraçado	Reção	e razão
Devação	e devoção	Reposta	e resposta
Diecese	e diocese	Resabio	e resaibo
Emprender	e emprehender	Resoluto	e resolvido
Epíteto	e epíteto	Revindica-	
Eremitão	e hermitão	ção	e reivindicação
Escuridade	e escuridão	Ruinar	e arruinar
Espertador	e despertador	Sezudo	e sizudo
Esposorios	e desposorios	Theriaga	e triaga
Estamago	e estomago	Zanolho	e zanolho
Filhação	e filiação	Zizania	e sizania
Fleima	e fleuma	Zorague	e azorrague

O curioso desta lista é que Francisco José Freire, recommenda de preferencia as fórmãs da primeira columna, que tem sido exactamente as postergadas, umas por menos usadas, outras por inusitadas hoje.

155. Actualmente subsistem ainda, na linguagem litteraria, fórmãs syncreticas, se bem que em numero reduzido. Exs.:

Coisa	e cousa	Resplendor	e resplendor
Dois	e dous	Relé	e ralé
Ouro	e oiro	Albergue	e alvergue
Vindouro	e vindoiro	Absurdo	e absurdidade
Mouro	e moiro	Segurança	e seguridade
Loura	e loira	Escuridão	e escuridade
Doido	e doudo	Altivez	e altiveza
Açoite	e açoute	Deslocação	e deslocamento
Thesouro	e thesoiro	Fereza	e feridade
Desdouro	e desdoiro	Renascimen-	
Covarde	e cobarde	to	e renascença
Boda	e voda	Rebelde	e revél

Como se vê, o maior numero de fórmãs syncreticas nos vem da equivalencia dos diphthongos *oi* e *ou* e das consoantes *b* e *v*. No Brasil damos, em geral, preferencia ás fórmãs da 1.^a columna.

Fórmas intermediarias

156. Chamam-se FÓRMAS INTERMEDIARIAS as fórmas de transição, por que, em regra, passam as palavras latinas no decurso de sua evolução. A palavra latina é o *typo originario* ou latino, que, através de *fórmas intermediarias*, vem a constituir a forma actual. Nem sempre registram os documentos escriptos as fórmas intermediarias e nem mesmo as originaes. Neste caso, a inducção pôde restabelecer a forma desconhecida, marcando com um asterisco (*), no seu inicio, a forma conjectural. Exs.:

FÓRMA LATINA				FÓRMA ACTUAL
Dolorem	→→	dolore	→→	dolor →→ dóor →→ dor
Veritatem	→→	veritate	→→	veridade →→ verdade
Amavi	→→	amaī	→→	amai →→ amei
Terribilem	→→	terribile	→→	terribil →→ terrivel
Amatis	→→	amades	→→	amaes →→ amaes
Portucalense	→→	portugalense	→→	português
Ferozem	→→	feroce	→→	feroz
Calicem	→→	calice	→→	calix (caliz)

FÓRMA LATINA				FÓRMA ACTUAL
Palatium	→→	palatium	→→	paço →→ paço
*Panatariu	→→	*pãadeiro	→→	paadeiro →→ padeiro
*Sanativu	→→	*sãadio	→→	*saadio →→ sadio
*Vagativu	→→	*vaadio	→→	vadio
Medicinam	→→	medicina	→→	*mede- zina →→ *meezina →→ meeziã →→ mezinha
Maiordomus	→→	maiordomo	→→	maordomo →→ moordomo →→ mordomo

Obs. As fórmas intermediarias são archaicas ou antiquadas. As fórmas estabelecidas por inducção são *conjecturaes*. Muitas fórmas archaicas são empregadas na poesia — *felice, jugace, atroce, rapace, fluvia-
tules*.

*Calice e calix são fórmas *syncreticas*; medicina e mezinha, macula e magoã são *divergentes*.

CAPITULO I

A GRAPHICA

157. A **Graphica** ou a arte de representar aos olhos o pensamento por meio de figuras desenhadas ou gravadas no papel, madeira ou metal, é anterior á invenção do Alfabeto, que assignala a ultima phase do seu desenvolvimento, e, como elle, perde-se na noite dos tempos.

Tacito, em seus *Annaes* (XI. 14), escreve que os egypcios foram os primeiros a representar o pensamento por meio de figuras de animaes. *Primi per figuras animalium Ægyptii sensus mentis effingebant.* Elles se davam, accrescenta Tacito, por inventores das letras, que os phenicios transportaram á Grecia, pois é tradição que Cadmus, chegado em uma frota phenica, foi o primeiro a ensinar a escripta aos povos gregos, ainda barbaros. Dizem outros que o atheniense Cecrops (1550 antes de Christo), ou o thebano Lino, ou, no tempo da guerra de Troia (1200), Palamedes de Argos, inventaram dezeseis letras, e que outros, especialmente Simonides, inventaram o resto. Na Italia, continúa o mesmo historiador romano, os etruscos receberam o Alfabeto do corinthio Demarate (cerca de 650 antes de Christo), e os aborigenes, do archadio Evandro.

Ao Alfabeto assim recebido da Grecia, o imperador Claudio accrescentou trez letras, que, depois de sua morte, cahiram em desuso. A este testemunho de Tacito, temos de ajunctar o de Plinio em sua *Historia Natural*, onde elle declara que acredita que as letras foram conhecidas dos assyrios em todos os tempos.

Estes historiadores romanos reproduzem o que sobre o assumpto escreveram Herodoto e Platão (427). Este ultimo, no seu dialogo de *Phedro*, narra a tradição que attribue ao deus *Theulk* a invenção do Alfabeto, a qual elle confiou a *Thamus*, rei do Egypto.

Obs. Observa Heródoto, citado por Burggraff, que os jonios chamam os livros *diphtheres* (ou pelles), porque outr'ora, no tempo em que o *biblos* era raro, escrevia-se em pelles de cabra ou de carneiro. "O que se chama *byblos* (feminino) é uma planta que cresce principalmente nos logares pantanosos do Egypto. A haste tem a grossura do braço de um homem

é triangular e eleva-se a alguns metros acima da agua. A mesma planta se chama tambem em grego *papyrus* e em latim *papyrus*. Distingue, porém, Theophraste entre os dois nomes e emprega a palavra *βύβλος* para designar a planta, *πάπυρος* a pellicula de sob a casca, que em latim se chama *liber*. O papel que se fabrica com o *liber* chama-se *χάρτης charta*. (Mem. de l'Acad. des Inscrip., apud Burggraff.).

CAPITULO II

EVOLUÇÃO DA ARTE DE ESCREVER

158. Segundo Burggraff, a graphica ou a arte de escrever, tem passado por quatro phases evolutivas, que são as seguintes: *figurativa*, *symbolica*, *ideologica* e *phonetica*.

I. ESCRIPTA FIGURATIVA.

Os povos primitivos desenhavam ou gravavam a *figura* do objecto, que *queriam representar*. Sobre o tumulo de seus avós e nos logares que tinham sido o theatro de acções importantes, deixavam os signaes visiveis e singelos de suas impressões, memorias duradouras de suas idéas e sentimentos. Jacob, o patriarcha hebreu, dezeseite seculos antes de Christo, ergue em Bethel a columna de pedra, que consagrava os seus votos ao Deus de Abrahão, que lhe appareceu em sonhos (Gen. XVIII, 22), e em Galaad levanta um monte de pedras, que era o *Mizpah*, ou a torre de vigilancia de Jehovah entre elle e seu sogro Labão (Gen. XXXI. 46). A estes meios de transmissão visivel do pensamento, junctavam naturalmente as gerações primitivas o desenho, pintura ou gravura, dos objectos. Era esta a graphica figurativa, que constitue a primeira phase no desenvolvimento da arte de escrever.

II. ESCRIPTA SYMBOLICA OU HIEROGLYPHICA.

A escripta *symbolica* ou *hieroglyphica* é um desenvolvimento natural da anterior. Pouco a pouco as figuras representativas dos objectos deixaram de representar os objectos para representar alguma qualidade inherente: operou-se a metonymia, e as figuras tornaram-se *symbolos* de coisas abstractas suggeridas pela figura do objecto. Assim

a figura do leão não suggeria mais o animal, porém a *coragem*, a *magnanimidade*, qualidades que se lhe attribuiam como rei dos animaes; a do cordeiro indicava a *innocencia*, a da flecha a *direcção*, a do braço o *poder*, a de duas mãos unidas o *pacto*, a *alliança*, a do olho a *vigilancia*, etc. O fundamento do symbolismo é uma certa relação natural entre a figura graphica e a idéa. Os egypcios, segundo Tacito, foram os primeiros a usar da escriptura symbolica, que enchia as paredes dos seus templos, e que é especialmente denominada *hieroglyphica* (gr. *hieros* = *sagrado*, *glypho* = *escrevo*), ou *escripta sagrada*. Ella continuou, por certo, a ser a escripta sacerdotal ou da religião, ao lado da ideologia e da phonetica que posteriormente se desenvolveram.

Ao sabio francez J. F. Champolion († 1831), compete a gloria de ter descoberto a chave para a interpretação dos hieroglyphos egypcios.

III. ESCRIPTA IDEOGRAPHICA.

Na escripta ideographica a relação entre a figura e a idéa por aquella expressa não é natural, porém meramente convencional. Demasiado tempo e espaço reclama o desenho dos symbolos; por isso foi elle sendo pouco a pouco abreviado, de modo que, no decorrer do tempo, perdeu-se a noção da relação symbolica, e o symbolo abreviado tornou-se mero signal convencional da idéa. A principio a cabeça representava o homem, as garras ou a cauda, o leão, os cornos, o touro, etc. Emquanto a parte despertava a idéa do todo, a escripta era *figurativa* ou *symbolica*; perdido, porém, o conceito da relação com o objecto ou com a qualidade nelle inherente pelo resumido dos traços da figura, a escripta tornou-se ideologica, os traços ou o resquicio da figura ligava-se convencional e immediatamente á idéa; tal é hoje o character da escripta chinesa. Os numeros arabicos e romanos (1, 2, 3 e I, II, III etc.), os signaes algebricos e musicaes, pertencem á categoria das escriptas ideologicas, pois, os numeros, as notas de musica, etc., não são symbolos propriamente, porém signaes directos da idéa, que representam.

IV. ESCRIPTA PHONETICA.

A escripta phonetica representa a ultima phase da evolução graphica. Ella nasceu com a invenção admiravel do Alphabeto, que a antiguidade é quasi unanime em attribuir ao Egypto, como vimos. Consiste ella na figuração graphica dos sons elementares da voz humana, cujo agrupamento constitue a palavra. O conjuncto dessas figurações graphicas ou letras fórma o Alphabeto, que é, portanto, o resultado da analyse, embora deficiente, dos elementos phonicos da linguagem.

O estudo da escripta phonetica é o que se chama orthographia.

CAPITULO III

ORTHOGRAPHIA

159. **Orthographia** (gr. *orthos* = *correcta*, *graphi* = *escripta*) de uma lingua é a transcripção de seus vocabulos geralmente accelta pelos seus bons escriptores.

A ORTHOGRAPHIA prende-se á Phonetica, como a linguagem fallada á escripta, pois é ella a transliteração correcta dos vocabulos.

Difficultosa coisa, entretanto, é estabelecer-se um padrão uniforme de correcção orthographica. De um lado a variedade quasi infinita na prolação de nossos phonemas vocabulares pela vastissima área, em que é fallado o portuguez; de outro, a deficiencia e imperfeição do alphabeto tradicional para fixar na escripta esses variadissimos matizes, no tempo e no espaço, dos valores quantitativos e qualitativos de nossos phonemas agrupados em vocabulos, tornam um aspero problema o ideal de uma orthographia uniforme. A estas difficuldades accresce a inercia do espirito conservador, que naturalmente offerece tenaz resistencia a qualquer innovação no sentido da desejavel transliteração uniforme dos vocabulos de nossa lingua.